

DISSECAÇÃO DE PEÇAS ANATÔMICAS: UMA METODOLOGIA DE ENSINO

BARROS, Emillie Pinheiro¹
AMADEU, Israel Dalmina Emílio²
FREDERICO, Gustavo Moreno³
ZENGO, Lucas Victoy Guimarães⁴
HUBIE, Ana Paula Sakr⁵

RESUMO

Segundo a *American Association of Anatomist*, a anatomia é a análise das estruturas biológicas associando-as com as funções fisiológicas. A prática da dissecação cria conhecimentos que não só permeiam toda a formação acadêmica, mas também são levados para toda a vida profissional. O desenvolvimento da prática da dissecação e disponibilidade dos cadáveres é proporcionado pelas ligas acadêmicas, principalmente de anatomia humana e dissecação, uma vez que são orientadas pelos docentes da disciplina dentro das universidades, visando aprimorar a técnica de dissecação e facilitar o estudo da anatomia humana. Sabe-se que a prática da dissecação é muito consagrada na formação médica ocidental, sendo praticada desde de 335 a.C. até a atualidade. Desse modo, todo cadáver devido à morte por causa natural, que tenha sido doado em vida, pode ser destinado à dissecação. As práticas dentro dos laboratórios, além de impactarem sobre os conhecimentos e habilidades sobre o corpo humano, internaliza a atitude sobre a morte e o cuidado, contudo, muitos alunos no início das atividades, apresentam sintomas ansiosos, depressivos, perturbações visuais intrusivas e dificuldade de aprendizado, outros apresentam sentido de propósito e responsabilidade que desaparecem com o tempo. Entretanto, o desenvolvimento emocional e prático ao realizar esse estudo, faz do cadáver o paciente ideal para o acadêmico, promovendo conhecimentos indispensáveis para o futuro profissional. Artigo feito com base em uma revisão bibliográfica de livros e artigos de diversos *sites* e revistas.

PALAVRAS-CHAVE: dissecação; formação; anatomia humana; aprendizagem.

DISSECTION OF ANATOMICAL PIECES: A TEACHING METHODOLOGY

ABSTRACT

According to the American Association of Anatomists, the anatomy is the analysis of biological structure associating them physiological functions. The practice of dissection creates knowledge that not only permeates all academic training, but is also carried throughout professional life. The development of the practice of dissection and availability of cadavers is provided by interest groups, mainly in human anatomy and dissection, as they are guided by the subject teacher within the academy, aiming to improve the dissection technique and facilitate the study of human anatomy. It is known that the practice of dissection is well established in Western medical education, being practiced from 335 BC to the present day. In this way, any corpse due to death from a natural cause, which has been donated while alive, can be destined for dissection. The practices within the laboratories, in addition to impacting on knowledge and skills about the human body, internalize the attitude about death and care, however, many students at the beginning of activities, present anxiety and depression symptoms, intrusive visual disturbances and difficulty in learning, others have a sense of purpose and responsibility that disappear over time. Nevertheless, the emotional and practical development in carrying out this study makes the cadaver the ideal patient for the academic, promoting essential knowledge for the future professional. Article based on a bibliographic review of books and articles from various websites and magazines.

KEYWORDS: desiccation; graduation; human anatomy; learning.

¹ Acadêmica do curso de Medicina no Centro Fundação Assis Gurgacz - FAG. Email: epbarros@minha.fag.edu.br

² Acadêmico do curso de Medicina no Centro Fundação Assis Gurgacz - FAG. Email: ideamadeu@minha.fag.edu.br

³ Médico Veterinário e acadêmico do curso de Medicina no Centro Fundação Assis Gurgacz - FAG. Email: gmfrederico1@minha.fag.edu.br

⁴ Acadêmico do curso de Medicina no Centro Fundação Assis Gurgacz - FAG. Email: lvzengo@minha.fag.edu.br

⁵ Graduação em medicina pela FAG. Residência em medicina de família e comunidade pelo Hospital São Lucas. Mestrado em ensino nas ciências da saúde pela faculdade Pequeno Príncipe. Professora do curso de medicina no Centro Universitário FAG. Email: anahubie@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Anatomia Humana é considerada a base tanto para o conhecimento médico quanto para outros cursos da saúde e seu estudo permeia as estruturas e funções do corpo humano, despertando curiosidade para os cientistas e estudiosos do assunto (SALBEGO *et al*, 2015). Trazendo uma definição mais concreta da Anatomia, têm-se o conceito da *American Association of Anatomist*, em 1981, propondo que a Anatomia é uma análise da estrutura biológica do corpo humano e se correlaciona com a “função e com as modulações de estrutura em resposta a fatores temporais, genéticos e ambientais”. Diante disso e como afirma Fornaziero (2010), a disciplina é imprescindível para o desenvolvimento das habilidades práticas a serem realizadas pelos futuros profissionais da saúde.

No que diz respeito aos cursos da saúde, segundo Albuquerque *et al* (2020), a disciplina de Anatomia Humana permeia o primeiro ano acadêmico, mas seu conhecimento deve ser levado ao longo da formação e também posteriormente, na atuação profissional. Devido a sua importância, e promovendo uma aproximação do estudante com o corpo humano, nas aulas dessa disciplina são utilizadas peças anatômicas orgânicas humanas. Segundo Bastos e Proença (2000), o cadáver é o primeiro paciente do estudante, além disso Horne *et al* (1990) enfatizam que a dissecação humana oferece uma oportunidade única para sensibilizar os estudantes da saúde, nomeadamente, os acadêmicos de Medicina, para os complexos procedimentos que encontrarão em suas carreiras no futuro.

Diante disso, as instituições de ensino possuem como um dos objetivos de metodologia de ensino a disponibilização de cadáveres para o ensino da anatomia, principalmente nos primeiros anos da academia. Visando o desenvolvimento da prática da dissecação, consequentemente, da formação acadêmica dos cursos da área de saúde, dentro das universidades criaram-se as ligas acadêmicas (LA), especificamente a liga acadêmica de anatomia humana e dissecação que tem em vista uma maior disponibilidade e variedade de peças, além de melhor qualidade para facilitar o aprendizado das estruturas específicas da disciplina. Portanto, as LA são associações e conjuntos de discentes, sem fins lucrativos, com duração ilimitada, em busca de complementação no ensino e na formação acadêmica ao decorrer das suas atividades extracurriculares, de caráter multidisciplinar, assim, colaborando na compreensão da vida profissional que vão exercer futuramente. As ligas possuem preceptores que são docentes vinculados com as instituições de ensino superior, com o objetivo de criar raciocínios, argumentos, discernimento e reflexões sobre determinados assuntos na área médica, proporcionar qualificação adequada para os ligantes e contribuir para um diferencial na formação acadêmica. (DANIEL, 2018; SILVA, 2015). Nas ligas acadêmicas de Anatomia Humana e

Dissecção, geralmente, são oferecidos pelos próprios professores da disciplina de Anatomia, um curso de introdução a dissecção de modo a preparar os estudantes para a experiência. De acordo com Nobeshi *et al* (2018), a dissecção é o método mais completo e considerado como excelente em relação aos resultados de aprendizagem no que se refere a uma visão tridimensional do corpo.

Portanto, o presente artigo objetiva compilar experiências e aprendizados das práticas de dissecção cadavérica, reforçar a importância do estudo da anatomia e a prática da dissecção como método ativo e eficaz de ensino e proporcionar momento de reflexão sobre a prática da dissecção do corpo humano para os futuros praticantes da dissecção.

2. METODOLOGIA

Para este estudo, buscou-se uma revisão bibliográfica, com artigos que retratavam a experiência do ensino da anatomia na dissecção cadavérica. Os artigos foram todos retirados do Google acadêmico, *pubmed* e a legislação retirada do endereço eletrônico oficial do governo brasileiro.

As palavras-chaves utilizadas: dissecção cadavérica, ensino da anatomia humana, história da anatomia humana, oração ao cadáver desconhecido. Os resultados encontrados com a palavra-chave dissecção cadavérica e anatomia humana foram 190 achados. Sobre o ensino da anatomia humana, encontraram 6.763 artigos.

Os resultados achados com a palavra-chave história da anatomia humana foram 2.260 artigos. Foram incluídos no estudo artigos publicados na língua portuguesa, na língua inglesa e no idioma espanhol, com pesquisas do mundo todo e voltados para o âmbito acadêmico. Para a seleção dos artigos, escolheu-se os estudos dentro do período de 2000 e 2020. Algumas citações datadas de 1543, de Andreas Versalius, e de 1976, Carl von Rokitansky encontradas em livro também foram utilizados para embasar citações de anatomistas de referência, como o livro *Lições da Anatomia: manual de esplancnologia* de 2010.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO

A dissecção de cadáveres humanos é uma tradição consagrada na educação médica ocidental (MALOMO *et al*, 2006). O cadáver sob o leito é o resultado de muitos anos de ciência e história (ALBUQUERQUE *et al*, 2020).

Segundo Pontinha e Soeiro (2014), a dissecção pode ser realizada em um cadáver fresco ou em cadáveres artificialmente conservados. Devido à escassez de peças anatômicas dessa natureza, a maioria das instituições de ensino para cursos da área de saúde escolhe a segunda opção. Boa parte

dos departamentos da disciplina de Anatomia opta por preservar os cadáveres com substâncias que contêm formaldeído, justificando o forte cheiro do laboratório de Anatomia.

As primeiras dissecações, com objetivo científico, foram realizadas por Heliófilo (Calcedônia, 335 a.C - 280 a.C.). No Egito Antigo (3000 a.C. - 30 a.C.) a prática de embalsamento realizada pelos egípcios, não só obrigou um estudo mais amplo da anatomia, como também motivou; a partir desse momento, a prática da dissecação se tornou intimamente ligada à medicina e seguiu sendo executada até o progresso científico começar a ser controlado pela igreja católica, mais especificamente no período do Papa Bonifácio VIII (1233 - 1303), que em 1 de março de 1300 mandou publicar a bula *D e Sepulturis*, nesta dizia excomungar todos aqueles que ousarem “desmembrar um cadáver ou tirar-lhe pela cocção a ossada”. Entretanto a prática da dissecação não estava condenada, a bula papal não proibia a dissecação diretamente, a prática da dissecação era incentivada pela igreja, há relatos, como de Realdo Colombo (1516 - 1559), que dissecava corpos de bispos e cardeais da igreja católica.

Na Europa medieval, no ano de 1315, na universidade de Bolonha, Mondino dei Luizzi (1270 - 1326), realizou a primeira dissecação com fins educativos universitários; Vesalius (1514 - 1564) utilizou de corpos condenados para fazer investigações que lhe permitiu em 1543 publicar o tratado *De Humanis Corporis Fabrica*, com dois grandes nomes, Leonardo Da Vinci e Vesalius (PONTINHA; SOEIRO, 2014). Ambos deixaram um legado rico e atemporal sobre diversas áreas de conhecimento, incluindo a Anatomia (ALBUQUERQUE *et al*, 2020). Em um de seus relatos falando sobre dissecação, Vesalius compartilhou:

Enquanto andava [...] de repente vi um cadáver seco [...] os ossos inteiramente expostos, unidos apenas pelos ligamentos, apenas a origem e inserção dos músculos estavam preservadas [...]. No dia seguinte o levei para casa [...] e construí aquele esqueleto que está preservado em Louvain [...]. (VESALIUS *apud* SOUZA, 2010, p. 33)

A prática da dissecação só voltou aos holofotes do progresso científico ao final do século XVII, devido, em grande parte, à autópsia clínica. Ao século XVIII, foram redescobertas o grandioso valor do estudo do cadáver, graças aos ideais iluministas, que veio libertar o homem do obscurantismo e levá-lo à luz da razão (PONTINHA; SOEIRO, 2014).

Nesse sentido, é válido lembrar da oração ao cadáver desconhecido, escrito por Carl von Rabistansky em 1976 presente em todos os laboratórios de Anatomia Humana das instituições de ensino superior objetivando humanizar as peças anatômicas alí disponíveis e sensibilizar os estudantes de que aquele cadáver um dia já foi um indivíduo e que devemos a ele respeito, como se segue:

Ao curvar-te com a lâmina rija de teu bisturi sobre o cadáver desconhecido, lembra-te de que este corpo nasceu do amor de duas almas; cresceu embalado pela fé e esperança daquela que, em seu seio, o agasalhou, sorriu e sonhou os mesmos sonhos das crianças e dos jovens; por

certo amou e foi amado e sentiu saudades dos outros que partiram, acalentou um amanhã feliz e agora jaz na fria lousa, sem que, por ele, se tivesse derramado uma lágrima sequer, sem que tivesse uma só prece. Seu nome só Deus o sabe, mas o destino inexorável deu-lhe o poder e a grandeza de servir a humanidade que por ele passou indiferente (ROKITANSKY, 1976 *apud* MEDEIROS, 2020, p. 132).

3.1 A experiência de dissecar

De acordo com Chang *et al* (2018), o laboratório de anatomia, como conhecemos, tem um impacto educacional significativo para os estudantes de Medicina não apenas em termos de consolidar seus conhecimentos e habilidades sobre o corpo humano, mas também internalizar sua atitude em relação à morte e ao cuidado. Nesse sentido, a prática da dissecção também favorece a discussão de temas importantes como a dignidade humana, a mortalidade e o luto dado que o cadáver facilmente se torna o paciente ideal em todos os aspectos, representando também a corporificação de todas as ciências básicas pré-clínicas. (BASTOS; PROENÇA, 2000)

A morte apresentada pelo cadáver, aponta para a nossa própria mortalidade. Segundo pesquisa com estudantes de Medicina, feita por Bastos e Proença (2000), apontou que o cadáver não era visto como humano de fato, mas sim um boneco ou um objeto de estudo utilizado somente como uma possibilidade de ampliar seus conhecimentos sobre o corpo humano para posteriores intervenções médicas. Tseng e Lin (2016) também mostraram que outros sintomas como pesadelos, imagens visuais intrusivas, insônia, depressão e dificuldades de aprendizagem foram identificados nos alunos no início da prática da dissecção. No entanto, também foi demonstrado que os alunos experimentaram uma redução significativa na intensidade de seus sentimentos ao longo da progressão do ensino. Nesse sentido, o uso de mecanismos de enfrentamento é uma importante competência médica mediada pelo curso de dissecção.

Uma outra pesquisa feita por Chang *et al* (2018), apontou que alguns estudantes ao praticar a dissecção humana possuíam sentidos de propósito e responsabilidade para com aquele corpo, no entanto, essas emoções diminuíram gradualmente à medida que exerciam a prática. Outros autores como Tseng e Ling (2016), numa pesquisa semelhante com estudantes do curso de Medicina na prática de dissecção, indicaram que a carga de trabalho excessiva e a abordagem baseada em órgãos durante a aula de dissecção podem deixar os alunos sem emoção, levando a um distanciamento entre estudante e o cadáver como ser humano.

Com tantas experiências diversas, Chang *et al* (2018) conclui que os professores devem se esforçar para ajudar os alunos a superar suas angústias iniciais ao enfrentar o cadáver e ensinar a manter seu senso de responsabilidade e respeito durante toda a prática de dissecção, para isso, seria interessante ensinar aos alunos que a dissecção é uma tarefa interessante e valiosa e que eles

merecem essa oportunidade. Além disso, Tseng e Lin (2016) apontam que as experiências dos estudantes de Medicina com a dissecação de cadáveres desempenham um papel na formulação de suas regras básicas como indivíduo e profissional de saúde para comportamentos e atitudes em relação aos seus pacientes.

3.2 A legislação brasileira

Segundo Bertoncelo e Pereira (2009), a legislação sanitária aplicada à matéria classifica cadáver como restos mortais humanos. Do ponto de vista jurídico, de acordo com Cordeiro e Menezes (2020), o cadáver tem um direito pessoal e com base nos argumentos bioéticos, cadáveres devem ser vistos como ‘rês-humanas’ e não como objetos de qualquer uso.

Portanto, de acordo com a classificação do Ministério da Saúde, cadáveres de morte natural, cuja causa do óbito é uma doença ou estado mórbido, poderão ser destinados para estudo e pesquisa, como se segue a Lei nº 8.501/92,26: “é válida, com objetivo científico, ou altruístico, a disposição gratuita do próprio corpo, no todo ou em parte, para depois da morte”. Os cadáveres de morte provocada por envolvimento de violência ou suspeitos não deverão ser destinados a estudo, visto que há necessidade de esclarecer as circunstâncias do fato. Segundo Marrey (2007), entre os cadáveres de morte natural destinados a ensino e pesquisa foram identificados: cadáver não reclamado com declaração de óbito emitida pelo Serviço de Verificação de Óbitos; cadáver não reclamado com declaração de óbito emitida pelo hospital da rede pública onde ocorreu o óbito; cadáver doado em vida; cadáver doado pela família.

Por cadáver não reclamado entende-se aquele que não foi identificado pela falta de qualquer documentação oficial ou aquele que foi identificado por meio de documentos mas que os representantes legais não foram buscá-lo.

No caso de cadáveres doados ainda em vida, segundo Souza (2010) o doador emite uma declaração assinada por ele e mais duas testemunhas, declarando que deseja fazer doação espontânea do seu corpo após falecimento, para fins de estudo e pesquisa. Para o cadáver doado pela família, o familiar ou representante legal emite declaração que contemple o desejo de fazer doação espontânea do cadáver de seu parente, para fins de estudo e pesquisa. Em ambos os casos, pelo Novo Código Civil, Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, Brasília, DF (2002) deve-se especificar a instituição de ensino para onde o corpo será encaminhado e esta deve manifestar o interesse em receber o corpo e assumirá todas as responsabilidades legais.

No entanto, em razão da falta de centrais específicas que administram a distribuição de cadáveres para instituições de ensino e pesquisa, públicas e privadas, se faz necessária uma legislação

que prescreve o serviço de captação e distribuição de cadáveres. Esse tipo de serviço seria adequado que fosse centralizado em nível estadual com intuito de haver maior controle e clareza no procedimento assim como é realizado no estado do Paraná (CORDEIRO; MENEZES, 2020). No Paraná, além das leis nacionais vigentes, existe o Conselho Estadual de Distribuição de Cadáveres (CEDC) para efetivação da distribuição dos corpos nas universidades ou a doação direcionada para uma Instituição de Ensino Superior que facilita o fluxo.

Por séculos, a prática da dissecação foi considerada perigosa pela possibilidade de contaminação ao anatomicista quando em contato com corpo desconhecido, e pela inexistência de regulamentos legislativos. Atualmente, pode ser realizada com segurança, com regras de assepsia e preparo do cadáver. Assim, o método de dissecar peças anatômicas continua sendo o método de estudo mais importante para a Anatomia (SOUZA, 2010).

Segundo Ghosh (2017) apesar da incorporação da tecnologia moderna e da evolução nas metodologias de ensino, a dissecação continua sendo a “pedra angular do currículo da anatomia”. Acrescenta ainda que, o ensino baseado na dissecação é fundamental para a educação de anatomia até hoje e sua utilidade também se reflete na formação de uma base crítica para o desenvolvimento das habilidades clínicas, muito importante no meio médico. Complementando a ideia, Musa *et al* (2015) diz que a dissecção fornece um impacto significativo na geração futura de médicos e anatomicistas profissionais, isso porque proporciona uma ampliação de sua base de conhecimento e aprimora ainda mais sua compreensão básica das manifestações clínicas durante a graduação. Além disso, Ghosh (2017) também afirma que alguns pesquisadores sugeriram que deve-se restabelecer a dissecção como o método central de ensino de anatomia macroscópica para garantir uma prática médica segura.

Memom (2018) refletiu que as deficiências no conhecimento anatômico afetam as habilidades de exame físico e procedimentos cirúrgicos, bem como a falta de conhecimento anatômico param interpretarem imagens radiológicas. O autor ainda afirma que em muitos países do mundo, está dentro do escopo dos médicos generalistas empregados no setor público a realização de procedimentos médicos gerais e autópsias e o conhecimento sólido da anatomia macroscópica e das habilidades de dissecção é essencial para a realização desses procedimentos.

Segundo Pinheiro e Melo (2010), o reduzido número de cadáveres humanos para fins de ensino tem sido um problema constante em diversos locais do mundo, incluindo o Brasil. O processo de doação, além de implicar o respeito pela dignidade da pessoa humana, também proporciona uma reflexão sobre: “o valor da solidariedade inerente à utilização correta dos cadáveres, a possível instrumentalização indiscriminada destes, os desvios da finalidade essencial dessa utilização, e a previsão de comportamentos sociais não ajustados à atitude de respeito que os cadáveres merecem”.

Nesse sentido, é importante que os estudantes interessados nessa prática estejam atentos a todos estes valores. Para tanto e ainda de acordo com Pinheiro e Melo (2010), é necessário que esta seja uma discussão multidisciplinar, que envolva médicos, acadêmicos, estudantes, juristas e especialistas em Ética a fim de conscientizar os alunos tanto ao processo de doação dos corpos quanto a reflexão sobre respeito e cuidado ao próximo.

Portanto, é imprescindível incorporar outros aspectos que a realidade de cada lugar está necessitando quanto à normatização, como a importação de cadáveres e de restos mortais humanos para as instituições de ensino (CORDEIRO; MENEZES, 2020).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os fatos expostos, é notório a importância da prática de dissecação ao longo da graduação para os acadêmicos da área da saúde, nomeadamente, os discentes do curso de Medicina. Conclui-se que essa prática prepara os alunos para os futuros desafios que encontrarão na prática médica e proporciona desenvolver habilidades essenciais para lidar com futuros pacientes. Além disso, habilidades socioemocionais também são trabalhadas ao longo da prática da dissecação cadavérica, algumas pesquisas apontaram as experiências a nível emocional dos acadêmicos e concluíram que as sensações iniciais de angústia, foram substituídas por responsabilidade de respeito para com o cadáver.

Assim, dessa maneira, é interessante pensarmos no cadáver como um paciente ideal para o acadêmico, no sentido de que, ao longo da graduação é o momento de treinar e colocar em prática os ensinamentos teóricos. Nesse sentido e entendendo um pouco mais sobre as dificuldades em se adquirir uma peça anatômica humana nas instituições de ensino, os discentes podem valorizar ainda mais a proporcionar a prática da dissecação e sua importância para sua formação.

Portanto, conclui-se também que o conhecimento da anatomia humana é essencial para os aprendizados dos acadêmicos dos cursos de saúde e a prática da dissecação cadavérica, mesmo sendo praticada há séculos, ainda é uma das práticas que mais impactam os estudantes e permite um conhecimento que jamais será esquecido.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Danillo *et al.* A dissecação enquanto estratégia de metodologia ativa nos cursos da saúde: Relato de experiências. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 6, p. 18110-18124, 2020.

BASTOS, Liana Albernaz de Melo; PROENÇA, Munira Aiex. A prática anatômica e a formação médica. **Rev Panam Salud Publica**, v. 7, n. 6, p. 395, 2000.

BERTONCELO, Juliana Aprygio; PEREIRA, Marcela Berlinck. Direito ao cadáver. In: **Anais do XVIII Congresso Nacional do Conpedi**. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/sao_paulo/2502.pdf. Acesso em 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Medicina. **Centro Brasileiro de Classificação de Doenças**. A Declaração de Óbito: documento necessário e importante. Brasília, DF; 2007. p.12.

CHANG, Hyung-Joo *et al*. Emotional experiences of medical students during cadaver dissection and the role of memorial ceremonies: a qualitative study. **BMC medical education**, v. 18, n. 1, p. 1-7, 2018.

CORDEIRO, Rogério Guimarães; MENEZES, Ricardo Fernandes. Lack of Corpses for Teaching and Research. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, p. 579-587, 2020.

DANIEL, Edevar *et al*. Liga acadêmica de medicina do trabalho: a experiência da Universidade Federal do Paraná. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 199-203, 2018.

FORNAZIERO, Célia Cristina *et al*. Teaching of anatomy: integration of the human body and the environment. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 2, p. 290-297, 2010.

GHOSH, Sanjib Kumar. Cadaveric dissection as an educational tool for anatomical sciences in the 21st century. **Anatomical sciences education**, v. 10, n. 3, p. 286-299, 2017.

HORNE, D. J., Tiller, W.G., Eizenberg, N., Tasthevska, M., Biddle, N. Reactions of first-year medical students to their initial encounter with a cadaver in the dissecting room. **Acad. Med.**, v.65, p.645-6, 1990.

MEDEIROS, A. R. C.; *et al*. Cerimônia em homenagem ao cadáver desconhecido: um modelo para sensibilização dos discentes. **Revista O Anatomista**. n. 2, p. 45-55, 2020. Disponível em: https://sbanatomia.org.br/wp-content/uploads/2020/02/O_ANATOMISTA_V1_2020-2.pdf. Acessado em: 27 Jul 2021.

MALOMO, A. O.; IDOWU, O. E.; OSUAGWU, F. C. Lessons from history: human anatomy, from the origin to the renaissance. **Int. J. Morphol**, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2006.

MARREY NETO, J. A. O aproveitamento de cadáveres para estudo de Anatomia. **Rev Tribunais**. São Paulo, v. 858, p. 483-96, 2007.

MEMON, Ismail. Cadaver dissection is obsolete in medical training! A misinterpreted notion. **Medical Principles and Practice**, v. 27, p. 201-210, 2018.

MUSA, Muhammad *et al*. Dissection in Gross Anatomy Course; The Need for a Learner-Centered Pedagogy. **The FASEB Journal**, v. 29, p. 548.5, 2015.

NOBESCHI L, *et al*. Avaliação sistemática da dissecção como método de ensino e aprendizagem em anatomia humana. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, 2018; 10(21): 420-432.

MELO, E. N. e PINHEIRO, J. T.. Procedimentos legais e protocolos para utilização de cadáveres no ensino de Anatomia em Pernambuco. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 34 (2); p. 315-323, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/vJRtctYWnYShywkJ5hffZqr/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em 20 Jul 2021.

PONTINHA, Carlos Marques; SOEIRO, Cristina. A dissecação como ferramenta pedagógica no ensino da Anatomia em Portugal. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 165-176, 2014.

SALBEGO, Cléton *et al.* Percepções acadêmicas sobre o ensino e a aprendizagem em anatomia humana. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, p. 23-31, 2015.

SILVA, Jorge Henrique Santos da *et al.* Implantação de uma liga acadêmica de anatomia: desafios e conquistas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, p. 310-315, 2015.

SOUZA, Sandro Cilindro de. **Lições de anatomia: manual de esplancnologia**. 2010.

TSENG, Wei-Ting; LIN, Ya-Ping. “Detached concern” of medical students in a cadaver dissection course: A phenomenological study. **Anatomical sciences education**, v. 9, n. 3, p. 265-271, 2016.